
A Ouro Preto que não está no retrato: contando a cidade e capturando cenários sob a perspectiva dos seus moradores

The unportrayed Ouro Preto: to tell the city and to capture scenery from the perspective of its residents

Yuri Alexandre Estevão-Rezende e Leonardo Francisco de Azevedo

**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/8456>

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Yuri Alexandre Estevão-Rezende e Leonardo Francisco de Azevedo, « A Ouro Preto que não está no retrato: contando a cidade e capturando cenários sob a perspectiva dos seus moradores », *Ponto Urbe* [Online], 26 | 2020, posto online no dia 28 julho 2020, consultado o 05 agosto 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/8456> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.8456>

Este documento foi criado de forma automática no dia 5 agosto 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

A Ouro Preto que não está no retrato: contando a cidade e capturando cenários sob a perspectiva dos seus moradores

The unportrayed Ouro Preto: to tell the city and to capture scenery from the perspective of its residents

Yuri Alexandre Estevão-Rezende e Leonardo Francisco de Azevedo

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 13/11/2019

Aceitação / Accepted 02/04/2020

Introdução

- 1 Ouro Preto é uma das mais importantes cidades do período colonial do Brasil, pois, juntamente com Diamantina e Mariana, conformaram a primeira rede urbana da época (Villaschi 2014). Não é assim estranho, portanto, que a cidade seja frequentemente retratada, discutida e pensada em seu passado.
- 2 Mas esse artigo não caminha neste sentido. Antes, pretende-se narrar uma Ouro Preto do hoje, do agora; mas não uma Ouro Preto que congrega o imaginário turístico e que está nos cartões-postais ou nos porta-retratos e celulares de muitos turistas – brasileiros e estrangeiros. Aqui, serão traçados trajetos de uma Ouro Preto que carrega significado afetivo para seus principais atores: os moradores da cidade. Principalmente a aqueles moradores que (re)constroem e fazem movimentar a Ouro Preto turística/histórica: os moradores dos bairros e regiões periféricas da cidade¹. Trata-se, portanto,

de lançar o olhar para as (micro) territorialidades na medida em que, segundo Fortuna (2012:208), elas são constituídas de processos afetivos e discursivos entre pessoas/grupos, o que nos possibilita ir além do contexto macro das conformações das cidades e (re)descobrir outras Ouro Pretos, por exemplo; sob olhares ouro-pretanos, afinal, “a territorialidade do microlugar é também um modo ver, uma tecnologia muito particular do olhar, apta a traduzir e dar significado ao mundo”.

- 3 Para tal, buscou-se na etnografia - enquanto potência epistêmica de narrar a realidade e compreender o Outro - a perspectiva teórico-metodológica deste trabalho. Foram entrevistados moradores que, ao apresentar os seus trajetos cotidianos na cidade, também narraram suas experiências socioafetivas. Propusemos também aos nossos entrevistados que capturassem, durante nosso trabalho de campo, uma imagem da câmera dos seus aparelhos telefônicos, que tivessem relevância e significasse a Ouro Preto vivida e experienciada por cada um deles, acompanhada do relato da razão da escolha daquele cenário. Ao lançar mão dessas estratégias de pesquisa, pudemos construir uma compreensão mais ampla do que significa morar em uma cidade turística. Não obstante, não é possível conhecer o agora dessa cidade sem - mesmo que de maneira sucinta - compreender seu passado.

Ouro Preto: evolução urbana, turismo e imaginário da cidade

- 4 Para compreendermos a proposta desse trabalho não podemos deixar de analisar a evolução urbana da cidade de Ouro Preto e sua constituição sócio-histórica. Dessa maneira, voltemos ao passado colonial brasileiro para entendermos a constituição do que hoje conhecemos como Ouro Preto, Minas Gerais.
- 5 Juca Villaschi (2014), analisando o contexto sócio-histórico da colônia portuguesa na América Latina, elucida-nos sobre como se deu a origem e a conformação de Ouro Preto. Como o espaço anteriormente ocupado no Brasil já não conseguia garantir rentabilidade econômica para a Coroa, teve-se a necessidade de adentrar o interior destas terras, ainda não exploradas (Villaschi 2014). Eis que no século XVII os paulistas fixam-se nesse novo território e encontram aqui o seu novo produto econômico: o ouro. Daí em diante essas novas terras recebem um fluxo crescente de pessoas, “gente de toda sorte” (Souza 1982). Esse movimento demográfico faz surgir, na atual Minas Gerais, o que poderíamos chamar de primeira rede urbana brasileira (Villaschi 2014). Essa nova área da colônia encontra na então Vila Rica sua principal e mais importante comarca.
- 6 Em 1698 foi povoado o arraial que hoje compreende a cidade de Ouro Preto. Desde esse tempo sua história é intrínseca à própria constituição histórica do Brasil enquanto nação (Ruas 1964). Afinal, durante o século XVIII Vila Rica foi uma das cidades mais importantes, econômica e socialmente, da Colônia e posteriormente do Império; cenário de inúmeros fatos históricos fundamentais para o país - como o auge e declínio da extração de ouro, Guerra dos Emboabas, Inconfidência Mineira, formação de artífices, pintores e artistas do Barroco, Movimento Modernista etc. Ao que consta, dentre 1776 a 1821 a população de Ouro Preto era maior que a atual, cerca de 78 mil habitantes, o que para a época se tratava de uma das zonas urbanas mais efervescentes do Brasil (Stumpf 2017:541).

- 7 Não obstante cabe ressaltar que Vila Rica foi - segundo alguns historiadores - povoada, inicialmente, nos arredores do seu território, ou melhor, em suas serras (Ferreira 2016). Mesmo existindo algumas divergências historiográficas sobre a ocupação do seu espaço, é atribuído aos Morros da Queimada e Morro São João os primeiros adensamentos humanos da cidade.
- O Morro da Queimada, contínuo ao Morro de Santana, constitui a gênese da cidade. Lá, os primeiros bandeirantes chegaram ao final do século XVII em busca de metais e pedras preciosas [...]. Originalmente chamado de Arraial de Ouro Podre ou Morro do Paschoal, tem história trágica por ter sido destruído em 1720, após a revolta em oposição aos aumentos dos impostos e à criação das Casas de Fundação pela Coroa Portuguesa. Depois de incendiado pelo governador Conde de Assumar, o antigo arraial passou a ser chamado de Morro da Queimada, e a população transferiu-se para os outros arraiais (FERREIRA 2016:65).
- 8 Contudo, com o contingente demográfico e o descobrimento de ouro em outras regiões, além do aspecto geográfico e natural das serras que tornava difícil a sua ocupação, a população se concentrou nas áreas centrais do território. Nesse contexto, a partir do povoamento dessas regiões, em confluência com os arraiais de exploração aurífera, tem-se o processo de conurbação da então Vila a partir das duas freguesias: a Freguesia do Antônio Dias e a Freguesia do Pillar (Baeta 2017:338).
- 9 A partir dessas duas freguesias a Vila passa então a se desenvolver em seus entornos, surgindo assim, na região central do território, um alto número de edificações para o período. Assim, a cidade de Ouro Preto elevada a capital do estado de Minas Gerais se equipara - no auge da produção aurífera - a cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, demonstrativo de sua importância naquela época. Ocorreu, portanto, significativo descolamento populacional dos Morros ouro-pretanos para as regiões centrais, onde a vida urbana e econômica se desenvolvia.
- 10 Devido à decadência da produção aurífera, o papel de Ouro Preto na atividade econômica brasileira vai se perdendo em função dos novos rumos políticos e econômicos do país. Com o fim do Império e o início da República, Ouro Preto passa a estar associada à colônia e ao período imperial, um passado que não cabia mais no contexto de uma nova política (Julião 2011). Assim a capital mineira é transferida para Belo Horizonte em 1897 e a partir disso se configura um novo território urbano ouro-pretano, dispersando a população da cidade. Isso demarca não só um grande escoamento demográfico das regiões centrais do território para a nova capital, como também das serras ouro-pretanas, que ficam cada vez mais abandonadas (Murta 2012: 99).
- 11 Com o esvaziamento demográfico, Ouro Preto passa por um período de abandono (Villaschi 2014; Zanirato e Ribeiro 2014; Rezende 2018), mas manteve conservado o maior acervo edificado de arquitetura colonial de arte barroca e rococó fora da Europa. Graças a isso, houve um processo de patrimonialização, iniciado em 1933, em que a cidade é elevada a Monumento Nacional, além de ser tombada em 1938 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), à época chamado de Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN); posteriormente, em 1980, a Unesco concede a Ouro Preto o título de Patrimônio Mundial da Humanidade (Natal 2007). Além dessas conquistas institucionais, movimentos intelectuais durante o século XX no Brasil, como o movimento modernista, passaram a destacar o papel central da cidade na constituição do “povo brasileiro”, fazendo com que a preservação do passado ouro-pretano fosse priorizada. Por seu acervo arquitetônico e sua constituição só cio-

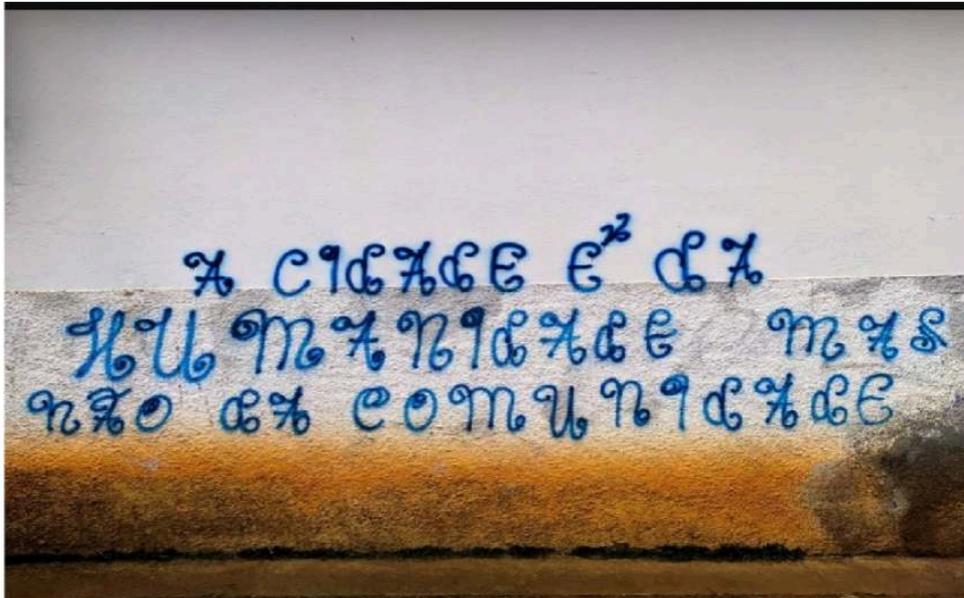
histórica temos, na década de 1990, o desenvolvimento do turismo cultural na cidade (Cifelli 2005:151). Esse processo contribuiu, junto à expansão da Universidade Federal de Ouro Preto, para uma supervalorização econômica e social do centro histórico, produzindo outra fase de escoamento demográfico da população local para as regiões do entorno do centro, processo que se mantém até hoje.

- 12 O turismo provocou também a (re)produção do imaginário social de Ouro Preto, como apontam Natal (2007) e Viana e Brusadin (2019), fetichizando a cidade. Assim, o brasileiro (re)conhece Ouro Preto por imagens dos seus casarios barrocos, suas suntuosas igrejas, cenários de um Brasil do passado. São estas imagens que encontraremos nos cartões-postais e nas câmeras e smartphones dos turistas que visitam o município. Não obstante, a cidade é viva e suas relações ultrapassam aquelas que se estabelecem no contexto do patrimônio ou do turismo. E essa vivacidade se traduz em críticas produzidas por parte de seus moradores, como pode ser observado nas seguintes frases pichadas em alguns monumentos: “a cidade é da humanidade, mas não é da comunidade” ou “patrimônio da humanidade elitista”.



PICHAÇÃO NA PAREDE EXTERNA DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA, OURO PRETO (MG)

AUTORA: CLÁUDIA KLOCK, 2017.



Pichação na parede externa de uma casa no Bairro Rosário, Ouro Preto (MG)

AUTOR: DESCONHECIDA, S/D.

- 13 Tais mensagens evidenciam as tensões existentes entre os moradores e turistas, sendo que tais pichações buscam transmitir suas contestações sobre a produção turística da cidade. Assim, este texto quer ir de encontro a essa Ouro Preto não turística, que é da comunidade, de outros cenários, de outros trajetos. A Ouro Preto não elitista, que não está no retrato, mas que diz muito sobre a vida de seus cidadãos.

A inquietação e os procedimentos metodológicos desta pesquisa

- 14 Uma etnografia se inicia, necessariamente, por meio de um processo de inquietação (Lévi-Strauss *apud* Uriarte 2012). A inquietação que move esta pesquisa surgiu quando um dos pesquisadores, que reside em Ouro Preto, ao fazer seu trajeto de sempre até o trabalho, escutou, de dentro de um salão da rua Bernardo Guimarães, no Bairro Rosário, uma senhora dizer: “nossa, antes tinha que vir em Ouro Preto pra tudo, agora tem dias que eu consigo fazer tudo em Saramenha ou na Bauxita mesmo [ambos bairros da cidade de Ouro Preto]”. A distinção feita pela fala da senhora, entre Ouro Preto e o bairro que ela reside, Saramenha, fez o pesquisador se indagar: de qual Ouro Preto ela fala? E por que seu bairro não é também Ouro Preto? Como não foi a primeira vez que este tipo de discurso foi ouvido pelos pesquisadores, tal recorrência nos fez perceber que se produzia, pelos discursos da população nativa, outra Ouro Preto, cujo imaginário se distinguia da cidade famosa pelo turismo.
- 15 A partir dessa inquietação tivemos contato com cinco moradores dessa “outra” Ouro Preto, em julho de 2019. Além dos diálogos estabelecidos, percorremos com eles os trajetos que faziam, em seu cotidiano, pelo município. A escolha destes moradores levou em consideração dois critérios: todos são residentes, nascidos e criados no município de Ouro Preto e cada um deles mora em um bairro distinto da cidade.

- 16 Após superado o contato inicial com os interlocutores, garantindo a empatia necessária para estabelecer uma relação dialógica, percorremos com cada um deles lugares e espaços que eram parte das suas respectivas vivências na cidade. Durante o percurso sugerimos que, com o uso do seus smartphones, os entrevistados e entrevistadas capturassem uma imagem de um cenário que representasse para eles a sua Ouro Preto; uma foto de algum lugar que lhes evocassem pertença e afetividade. Por fim, perguntávamos aos entrevistados o motivo da escolha daquela foto.
- 17 O uso da fotografia enquanto método parte da premissa dela possuir uma importância na demarcação de uma identidade coletiva, num sentido de se situar no seu grupo no tempo e espaço, se integralizar e ser (re)conhecido a partir da foto realizada (Bourdieu 1990). Barthes (1984:123) salienta ainda que “a fotografia não rememora o passado. O efeito que ela produz em mim não é o de restituir o que é abolido (pelo tempo, pela distância), mas o de atestar que o que vejo de fato existiu”. Assim, a fotografia utilizada aqui como método possui tanto um sentido coletivo, quanto também nos revela uma realidade experienciada de forma particular: não um real universal, mas aquele capturado e percebido pelo olhar de quem fotografa; o olhar do outro sobre si e sobre o que lhe é familiar, sobre onde se está; sobre o que para ele existe; é isso que nos interessa nesse trabalho: uma Ouro Preto sentida pelo seu morador, um imagético particular que também é coletivo quando se analisa em conjunto aos demais entrevistados.
- 18 A ênfase deste trabalho consiste, assim, na tentativa de capturar a existência de microterritorialidades. Afinal, a cidade é composta, como nos indica Fortuna (2012), também por processos afetivos e discursivos, numa concepção foucaultiana de espaço, em que não importa apenas o contexto macro, mas um olhar para as experiências que (re)produzem microterritorialidades – o discurso como efeito de representação, nesse caso, as discursivas e afetos que são produtos e produzem micro lugares de socialidades – e são partes da conformação das cidades.
- O potencial de conhecimento que a análise das (micro)territorialidades contém para a produção do conhecimento crítico – a centralidade do corpo nas modernas configurações sociais urbanas é um dos mais significativos aspectos dessa análise – leva a admitir que o olhar produzido nestes enclaves de partilha de sentimentos e representações pode lançar uma nova esperança de afirmatividade política para os grupos subalternizados. Deste modo, podemos captar dimensões da realidade urbana metropolitana que vão sendo invisibilizadas à medida que esta se torna excessiva – na verdade, pós-humana. A produção social da presença de grupos, discursos, práticas sociais, representações e territórios que constituem estas (micro)territorialidades é um ato não apenas epistemológico mas também ético e político de visibilização da realidade (Fortuna 2012:212).
- 19 Proposta que não versa apenas sobre as metrópoles, mas pode/deve ser empregada em contextos interioranos e, ainda, turísticos – sobretudo quando a experiência do Turismo, por vezes, constrói imagéticas hegemônicas sobre as cidades. Por conseguinte, é dentro das noções teórico-metodológicas discutidas acima que buscamos seguir no trabalho de campo e nas análises realizadas abaixo – que demonstraram tanto nossas limitações quanto nossas potencialidades no percurso etnográfico e analítico.

Ouro Preto contada e capturada sob a perspectiva de seus moradores

- 20 No andar do nosso trajeto, Pedro², estudante de 22 anos, morador do bairro “Morro Santana” me disse: “ah, sabe aquela música do Paralamas, aquela sô ‘dos punhos fechados para vida real’”. Dissemos que sim, que se chamava “Alagados”, e ele interveio: “pois então, em Ouro Preto é assim, um cartão postal, mas a vida real não está só ali no cartão, sabe? A cidade é toda pro turista, pra quem vem de fora!”
- 21 Esse trecho de música lembrada por Pedro traduz como ele entende a dinâmica urbana e as relações que se caracterizam dentro da cidade de Ouro Preto, a sua “síntese” sobre a apropriação dos espaços e as distinções entre os lugares dos moradores e lugares dos turistas. Assim, o que o entrevistado nos relata é uma percepção de como o turismo segregou seu espaço, de como a atividade não lhe garantiu a fruição dos lugares da cidade que apesar de serem todos “dos moradores daqui”, não são usufruídos por eles. O entrevistado ainda nos disse que mora desde sempre no Morro Santana e conhece o bairro “como a palma da mão, pois brincou por toda parte (...) aqui é tranquilo de morar e tenho uma vista privilegiada também” (aponta para baixo onde se vê o centro histórico de Ouro Preto). A foto, tirada por Pedro, foi a da rua de sua casa:



RUA PINHEIROS ALTOS, MORRO SANTANA – OURO PRETO (MG)

AUTOR: PEDRO, 2019.

- 22 “Claro que a minha Ouro Preto é a minha quebrada, né? (risos)”, justifica Pedro quando o questionamos sobre a escolha em tirar a foto naquele lugar. Ele continua, “não, mas agora sério, escolhi tirar essa foto pois ela me remete uma sensação de quando viajo e chego, o lugar que faz eu sentir: nossa, tô em Ouro Preto. É isso, aqui que minha vida acontece, meu namorado mora, minha família...”. É desta forma, alinhando afetividade

e vivência familiar que Pedro escolhe a Ouro Preto da sua foto, mas é ainda também um cenário que lhe é cotidiano e, por isso, lhe pertence.

- 23 Pedro foi, junto com Ana Gabriela, um dos entrevistados que focaram ao longo de nossas conversas, precisamente, a questão de como não se sentem pertencentes - e afirmam que os moradores das regiões periféricas também não se sentem - à Ouro Preto vivenciada pelos turistas. O que nos remete às preposições levantadas por Banducci e Barreto (2001:86) de como os moradores da cidade de Ouro Preto:

ao mesmo tempo em que veem os bens como algo voltado aos turistas, também reivindicam o reconhecimento desse acervo como parte de sua identidade, resultando em uma relação tensa com essa prática frequentemente incômoda às suas vidas cotidianas. Sentem-se excluídos, ao mesmo tempo em que são os anfitriões de quem vem visitar e conhecer a sua cidade.

- 24 Partindo desta mesma inquietação apresentada acima, Ana Gabriela, recepcionista de 24 anos, afirma: “cê sabe quantos moradores visitam o Museu da Inconfidência? Pouquíssimos! A maioria vai com a escola, pequeno, e olhe lá! Aqui no meu bairro, na Bauxita, em outros bairros que vivem os moradores de Ouro Preto, ali pelo centro histórico ou é estudante ou gente que veio de fora!”. Brusadin (2011:151) atenta para o número ínfimo de moradores da cidade que frequentam/frequentaram o Museu da Inconfidência, ou melhor, “(...) em termos quantitativos, é possível perceber um número ainda incipiente da participação da população local ao longo dos anos”. Se é assim com o Museu da Inconfidência, o mais importante e visitado museu de Ouro Preto, podemos supor que os demais museus do município seguem a mesma frequência na visitação por parte dos moradores.

- 25 Ana Gabriela reside no bairro Saramenha e, segundo ela, “meu pai mora aqui, meu avô morava aqui, ou seja, é de família! (risos)”. Ela se lembra, por exemplo, do crescimento populacional do seu bairro: “uns 10 anos atrás, eu brincava por aqui, era tudo mato!” (aponta para um espaço onde hoje se encontram umas quatro casas). Prossegue “aqui em Saramenha hoje tem quase de tudo: mercado, padaria, salão de beleza, papelaria etc... isso facilita a vida da gente, não precisa ir em Ouro Preto - oh, no centro quer dizer, ou na Bauxita pra tudo”. Nesse momento, Ana Gabriela faz o mesmo exercício discursivo da mulher que falou durante a trajetória de um dos pesquisadores ao seu trabalho: a substituição do centro da cidade por Ouro Preto, mesmo tendo se corrigido posteriormente. Percebe-se assim, uma diferenciação reiterada entre o centro e a periferia da cidade.

- 26 No percurso da sua caminhada, Ana Gabriela para e me diz: “é aqui que vou tirar minha foto, estava em dúvida, mas vai ser essa aqui mesmo.” Ela tira seu smartphone do bolso e faz a foto:



Vista de parte do bairro Saramenha – Ouro Preto (MG)

AUTORA: ANA GABRIELA, 2019.

- 27 Ao ser questionada sobre o motivo dessa foto, ela revela: “olha, eu tava pensativa, porque não é só uma imagem que me lembra Ouro Preto, mais essa aqui é muito mais forte pra mim, a vista de parte do meu bairro, aqui estão as pessoas que trabalham e movimentam a cidade, tipo nos bairros né?”. Ela dá uma pausa e continua: “são os trabalhadores dos restaurantes, das lojas, do museu, que deixam a cidade bonita para os turistas, que consomem também, essa é a Ouro Preto de verdade, uma parte dela né, pois tem outros bairros!”. Ana Gabriela escolhe assim sua foto, fazendo uma reflexão a partir dos moradores do seu bairro e de outros bairros não centrais. Para eles, são eles a força motriz que movimenta a cidade, no sentido socioeconômico, e é por isso que a Ouro Preto dessa população, precisa, para ela, ser representada na imagem.
- 28 A cidade, é, para além de seus aspectos econômicos, físicos e geográficos, subjetividades (Caiafa 2002). Contar a cidade é então também reconhecer os marcadores sociais da diferença e as relações afetivas e subjetivas que a (re)constitui. Márcia, secretária de 42 anos, ilustra bem esse processo ao nos revelar sua relação com seu bairro e com a cidade. Moradora do bairro Antônio Dias, a entrevistada disse que “minha vida e o Antônio Dias se confundem!”. O bairro, diferente dos demais, faz parte da região histórica de Ouro Preto, de maneira que sua história é intrínseca à conformação do povoado de Vila Rica, constituindo-se como uma de suas freguesias. No entanto, a ocupação de seus casarios por moradores ainda é superior que as do centro onde as casas deram lugar a restaurantes, hotéis e outros estabelecimentos comerciais e turísticos.
- 29 Fazendo o percurso com Márcia até a Matriz de Nossa Senhora da Conceição, ela explica “é engraçado isso, eu poderia andar aqui de olhos fechados, que saberia me guiar”; “o Antônio Dias é um bairro familiar, sabe, mas não é chato, todo mundo se conhece e é gente que não tem a pompa!”. Márcia, desde o nosso primeiro contato, aceitou a entrevista, mas se disse muito tímida, o que dificultou a conversa, mesmo a partir de uma tentativa do entrevistador de deixar o processo menos formal. Assim, ela nos pediu que gostaria de fazer o relato da explicação da escolha da sua foto em texto, pois se expressaria de forma mais contextualizada.



Largo de Marília de Dirceu, Antônio Dias – Ouro Preto (MG)

AUTORA: MÁRCIA, 2019

- 30 Em seu breve relato, escrito a mão e entregue dois dias após nosso encontro e o registro da foto, Márcia faz sua explicação: “(...) Amo as lembranças que guardo de crescer no meu bairro. Estudei na Escola Estadual Marília de Dirceu, foi um período muito feliz da minha vida, eu adorava ir à escola, época que fiz amizades que duram até hoje”. A foto tirada por Márcia retrata a ponte que dá acesso ao Largo de Marília de Dirceu, onde também está localizada a escola. Mas sua escolha, a partir do texto, significa também uma tentativa de capturar parte de suas memórias que (re)constróem a sua Ouro Preto; trata-se da Capela de Nossa Senhora das Dores, na parte direita da imagem, em cores brancas e vermelhas: “nos finais de semana a turma se reunia no adro da Igreja das Dores para brincar”. A entrevistada ainda vincula suas experiências na cidade com a construção do sentido de pertença: “essas lembranças me abraçam e me fazem sentir pertencente dessa cidade maravilhosa. Essa é a minha Ouro Preto. Como não ser feliz aqui? Impossível”. Seu texto ecoa as reflexões de Bosi (2003:200), para quem “as lembranças se apoiam nas pedras da cidade. Se o espaço, para Merleau-Ponty, é capaz de exprimir a condição do ser no mundo, a memória escolhe lugares privilegiados de onde retira sua seiva”.
- 31 O processo imagético sobre Ouro Preto construído por Márcia se entrelaça em certo sentido com de Selma, principalmente no que se refere à questão da apropriação subjetiva do espaço e na sua constituição enquanto “seu lugar”, constitutivo de suas identidades. Esta, agente de viagens de 29 anos, moradora do bairro Alto das Dores, sintetiza sua vida na cidade: “eu me sinto muito ouro-pretana, essa terra aqui é parte de mim, do que sou, é minha identidade”. Ela continua: “aquela coisa, né? A gente passa o dia praticamente todo no trabalho e daí é de casa para o trabalho, quando tem um tempo até que a gente passeia, mas minhas lembranças mais fortes são aqui”.

- 32 A foto de Selma é uma tentativa da entrevistada em enquadrar seu passado em uma imagem, assim como Márcia. Para ela a cidade “mudou e ela acompanhou por aquele lugar”.



Banco no bairro Alto das Dores – Ouro Preto (MG)

AUTORA: SELMA, 2019

- 33 Para Selma, o banco próximo à casa de sua avó é seu “lugar favorito na cidade; onde eu me sinto ótima e consigo respirar, refletir e continuar a minha vida”. Na sua concepção, aquele cenário retratado representa uma síntese mais íntima sobre a sua cidade e a sua vivência, sobre como ela lê Ouro Preto: “daqui eu vejo uma parte da cidade, senão ela quase toda, a parte histórica e os bairros e tudo mudou bastante, as vezes quando sento aqui, percebo que as coisas já mudaram em alguma parte”. Ela acrescenta: “cê pensa assim: quantas pessoas viveram lá embaixo e construíram a cidade? Muitas histórias, eu fico pensando nisso, aqui eu vejo que Ouro Preto já foi parte da vida de muitas pessoas e isso é lindo!”.
- 34 Nosso último entrevistado, Vinicius, estudante de 27 anos, morador do bairro São Cristóvão, nos levou para o lugar que trabalhou durante boa parte de sua vida, a “Mina Du Veloso”, ao nos informar que não queria mostrar necessariamente um lado da cidade, como a conhecemos, no sentido mais literal, ruas, casas etc. Por isso que nos trouxe até a Mina e ali foi o lugar escolhido para enquadrar a sua imagem de Ouro Preto:

35



Mina Du Veloso – Ouro Preto (MG)

AUTOR: VINICIUS, 2019.

- 36 Para ele “essa imagem possui um significado muito forte, pois a partir dela podemos pensar e discutir a contribuição e o trabalho da população negra em Ouro Preto” e continua “aqui é isso que nós trabalhamos no sentido de valorizar quem realmente construiu a cidade e a ergueu que foram os negros escravizados, apesar de haver um apagamento histórico sobre isso!”. Vinicius busca, a partir de sua fotografia, construir uma narrativa contra hegemônica do passado, na medida em que busca evidenciar a história dos negros escravizados e redimensionar a importância da população negra para a constituição da cidade. Dessa maneira, nosso entrevistado corporifica a cidade a partir da sua própria concepção identitária e de raça, enquanto homem negro: “essa é potência para pensar os negros ouro-pretanos e valorizar nossa cultura”. Neste contexto, não há imagem mais “representativa da minha Ouro Preto que essa” afirma nosso entrevistado.

Considerações finais

- 37 Compreender as diferentes dinâmicas urbanas nas produções cotidianas de (micro) territorialidades tornou-se um importante objetivo das ciências sociais, nomeadamente da antropologia urbana. Dados estatísticos e censitários não conseguem explicar a complexidade da vida nas cidades, em suas diferentes dimensões e facetas. Dessa maneira, o presente trabalho teve como objetivo contribuir com essas reflexões, levando em consideração, sobretudo, o limitado número de trabalhos que abordam as dinâmicas urbanas em cidades de pequeno e médio porte. Além disso, buscou-se também dialogar, diretamente, com estudos na área de turismo, ao mostrar como são produzidas conformações sociais e culturais em cidades que incorporam o turismo enquanto constitutivo de sua existência.
- 38 Ouro Preto, famosa pelo seu passado, tem uma dinâmica urbana ativa, produzida e transformada cotidianamente por quem nela habita. Ao observar os trajetos e discursos de nossos interlocutores, pode-se observar como produziram cenários distintos sobre a cidade, produzindo também suas próprias identidades, a partir de suas histórias e

memórias. Buscando ver a cidade a partir dos “ombros” dos cidadãos, daqueles que “fazem a cidade” (Agier 2011), experimentamos compreendê-la de modo contextual e processual.

- 39 Nossos encontros com estes sujeitos permitiram observar como essa produção de territorialidades e as conexões surgidas nesse processo nem sempre encontram significado nas cristalizadas reproduções que temos da cidade. Não buscamos aqui, portanto, estabelecer dicotomias intransponíveis entre a Ouro Preto do turista *versus* a Ouro Preto do morador, mas compreender como tais divisões são parte constitutiva da própria compreensão dos moradores sobre a sua cidade. Sejam nas falas do Pedro e Ana Gabriela, que fizeram questão de enfatizar essa separação – estando eles apartados da cidade turística; seja o Vinicius que resgata o passado colonial da cidade não com vistas a enaltecer os inconfidentes, mas os escravos que construíram a cidade e produziram toda a riqueza que adjetivou a região no processo de colonização do país – essa questão emerge e auxilia essas pessoas a compreenderem suas próprias realidades e vidas.
- 40 Além disso, cabe destacar como a cidade, por mais que tenha o peso de seu passado, produz constantemente novas relações e mudanças, como fica evidente no depoimento de Márcia, cuja leitura da cidade é permeada de memórias afetivas que pouco têm a ver com os significados históricos dos edifícios; e de Selma, testemunha ocular do quanto Ouro Preto “mudou”.
- 41 Dessa forma, percebe-se como as construções imagéticas e turísticas de Ouro Preto não abarcam a totalidade da representação da cidade para seus cidadãos, havendo uma outra cidade a ser compreendida, capturada e lida.

BIBLIOGRAFIA

- AGIER, Michel. 2011. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Editora Terceiro Nome.
- BANDUCCI Jr, Álvaro; BARRETTO, Margarita (org.). 2001. *Turismo e identidade local: uma visão antropológica*. Campinas: Papyrus.
- BARTHES, Roland. 1984. *A câmara clara. Nota sobre fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BOSI, Ecléa. 2003. “Memória da cidade: lembranças paulistanas”. *Estudos avançados* v. 17, n. 47: 198-211.
- BOURDIEU, Pierre. 1990. *Photography: A Middle-Brow Art*. Stanford: Stanford Univ. Press.
- BRUSADIN, Leandro Beneditini. 2011. *A dinâmica do patrimônio cultural e o Museu da Inconfidência em Ouro Preto (MG)*. São Paulo: Tese de Doutorado em História, Universidade Estadual Paulista.
- CAIAFA, Janice. 2002. *Jornadas Urbanas: exclusão, trabalho e subjetividade nas viagens de ônibus na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ed. FGV.

CIFELLI, Gabrielli. 2005. Turismo, patrimônio e novas territorialidades em Ouro Preto. Dissertação de Mestrado em Geografia, UNICAMP.

FERREIRA, Ivi Dias Felix. 2016. Ouro Preto, cidade patrimônio: uma perspectiva a partir do Morro Santana. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade Federal de Minas Gerais.

FORTUNA, Carlos. 2012. (Micro)territorialidades: metáfora dissidente do social. *Terr@Plural*, Ponta Grossa, v.6, n.2, p. 199-214.

JULIÃO, Letícia. 2011. "Sensibilidades e representações urbanas na transferência da Capital de Minas Gerais". *História (São Paulo)* v. 30: 114-147.

MALTA, Eder. 2019. Cidade histórica, cidade universitária: usos do patrimônio cultural e repúblicas estudantis em Ouro Preto, MG. *Século XXI - Revista de Ciências Sociais*, v. 8, p. 912-947.

MURTA, Ivana Benevides Dutra. 2012. Representações sociais do ambiente preservado: estudo multicaso no município de Ouro Preto/MG. Dissertação de Mestrado em Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais.

NATAL, Caion Meneguello. 2007. Ouro Preto: a construção de uma cidade histórica, 1891-1933. Dissertação de Mestrado em História, Unicamp.

REZENDE, Edson Fialho de. 2018. A produção do espaço no centro histórico de Ouro Preto: processo de esvaziamento residencial e as práticas entre o percebido e o vivido. Dissertação de Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável, Universidade Federal de Minas Gerais.

RUAS, Eponina. 1964. Ouro Preto: sua história, seus templos e monumentos. Belo Horizonte: Minas Gerais.

SOUZA, Laura de Mello e. 1982. Desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século XVIII. Rio de Janeiro: Edições Graal.

STUMPF, Roberta Giannubilo. 2017. "Minas contada em números - A capitania de Minas Gerais e as fontes demográficas (1776-1821)". *Revista Brasileira de Estudos da População* v.34 n.3: 529-548.

URIARTE, Urpi Montoya. 2012. "O que é fazer etnografia para os antropólogos". *Ponto Urbe [Online]* 11.

VIANA, Luiz Cláudio Alves; BRUSADIN, Leandro Benedini. 2019. "Patrimônio, turismo e imaginário urbano: a fragmentação espacial e social da imagem da cidade de Ouro Preto (MG-Brasil)". *Revista Turydes: Turismo y Desarrollo* n. 26.

VILLASCHI, João Nazario Simões. 2014. Hermenêutica do patrimônio e apropriação do território em Ouro Preto - MG. Tese de Doutorado em Geografia Humana, Universidade de São Paulo.

ZANIRATO, Silvia Helena; RIBEIRO, Wagner Costa. 2014. "Mudanças climáticas e risco ao patrimônio cultural em Ouro Preto - MG - Brasil". *Confins - Revista franco-brasileira de Geografia* n. 21.

NOTAS

1. Cabe destacar, porém, que há outras (micro)territorialidades compondo Ouro Preto, como as produzidas por jovens universitários, identificando-a também como uma cidade universitária (cf. Malta 2019).

2. Todos os nomes aqui citados são pseudônimos, garantindo o anonimato de nossos interlocutores.

RESUMOS

O presente trabalho pretende contribuir com os estudos antropológicos sobre dinâmicas urbanas em cidades pequenas e médias, a partir da cidade histórica de Ouro Preto. Famosa por sua importância no período colonial brasileiro, a cidade hoje tem no turismo sua principal atividade econômica. Entretanto, os moradores produzem outras (micro)territorialidades e interpretações da cidade, que nem sempre são observadas por quem a visita. Pretendemos explorar essa outra dimensão, a partir da leitura de moradores que ali nasceram e, a partir do uso de fotografia, nos mostraram essa outra cidade, que destoa daquela que está nos cartões postais. Nesse processo, pôde-se observar que a cidade, apesar do peso de seu passado, está em constante mudança, sendo transformada por quem a habita.

This paper aims to contribute to anthropological studies on urban dynamics in small and medium-sized cities, from the historic city of Ouro Preto. Famous for its importance in the Brazilian colonial period, the city today has tourism as its main economic activity. However, residents produce other (micro)territorialities and interpretations of the city, which are not always observed by those who visit. We intend to explore this other dimension, from the reading of dwellers who were born there and, from the use of photography, showed us this other city, which differs from the one in the postcards. In this process, it was observed that the city, despite the weight of its past, is constantly changing, being transformed by its inhabitants.

ÍNDICE

Palavras-chave: antropologia urbana, Ouro Preto, fotografia, pertencimento, turismo

Keywords: urban anthropology, Ouro Preto, photography, belonging, tourism

AUTORES

YURI ALEXANDRE ESTEVÃO-REZENDE

Mestrando em Antropologia Social (PPGAn/Universidade Federal de Minas Gerais). E-mail: yurirezende14@hotmail.com

LEONARDO FRANCISCO DE AZEVEDO

Doutorando em Ciências Sociais (PPGCSO/Universidade Federal de Juiz de Fora).E-mail: leonardoazevedof@gmail.com